



## O Exercício da solidariedade

De Ré - César Augusto Tejera De Ré

Considero o exercício da solidariedade como um dos principais, senão o mais importante, dos comportamentos humanos. Assim como Eduardo Galeano – o escritor uruguaio – eu não acredito em caridade. Caridade é vertical, vem de cima para baixo e exige subserviência. Solidariedade, pelo contrário, é horizontal, é uma relação entre iguais. Não espera reconhecimento. Aprendi em casa, com minha mãe, com sua prática sempre generosa para com os humildes. Posteriormente, algumas das experiências vivenciadas na vida real, juntamente com gestos de solidariedade humana que recebi, consolidaram esse meu entendimento.

Entre 1971 e 1972, estive preso devido à minha militância política, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Inicialmente, fiquei três meses preso no DOPS, em Porto Alegre. Depois, fui transferido para um quartel em Alegrete e, posteriormente, para a Ilha do Presídio, em Porto Alegre.

No período em que estive preso em Alegrete, era inverno e a cela onde estávamos era extremamente fria, pois era toda gradeada e ficava na entrada do quartel, o qual ficava num descampado, no alto de uma coxilha, sem nenhuma proteção natural contra o vento. Todos os militares, independentemente de sua patente, eram proibidos de se comunicar com os presos. Numa noite fria, dessas que caracterizam o inverno da Região da Campanha, no Rio Grande do Sul, por volta da meia-noite, a luz da cela foi acesa e um sargento, de nome Barbosa, nos disse:

— Gurizada, eu estava no rancho, tomando um café, e achei que vocês também gostariam de tomar um gole de café bem quente, pois a noite está muito fria.

Por entre as grades da porta da cela nos passou algumas garrafas de café preto, mesmo sob o risco de ser disciplinarmente punido. Em silêncio e emocionados, bebemos aquele café, que, seguramente, foi o mais gostoso que tomei em minha vida.

Quando houve o relaxamento de minha prisão, tratei de procurar trabalho, pois não podia continuar onerando meus pais, que tiravam seu sustento de uma pequena loja de lãs e miudezas. Como ex-preso político, tive enorme dificuldade para conseguir um emprego. Naquela época era comum as empresas exigirem atestado de bons antecedentes junto ao DOPS. Como não podia dizer que estivera preso, precisei criar uma história que fosse veros-

símil e que explicasse o motivo pelo qual tinha saído da empresa anterior, que era um excelente emprego, e estava há quase dois anos sem trabalhar.

A caro custo, consegui um emprego numa empresa que exigia que fosse fazer um estágio em sua matriz, em São Paulo, durante três meses. A condição de liberdade condicional em que me encontrava me obrigava a ir todas as semanas à Auditoria Militar, assinar um livro de presença. Se não o fizesse, a liberdade condicional seria revogada. A empresa na qual estava me candidatando, por sua vez, só permitia meu retorno a Porto Alegre a cada trinta dias.

Procurei o então secretário da Auditoria Militar e expliquei minha situação. Num gesto de desprendimento pessoal, Sr. Alziro (se bem me lembro, esse era seu nome) disse-me que deixaria uma linha em branco a cada semana, a qual deveria assinar quando viesse a Porto Alegre. E assim foi feito, mensalmente eu ia até a Auditoria e assinava as linhas em branco. Dessa forma, pude me reinserir no mundo profissional.

Em 1982, eu trabalhava na empresa de informática que pertencia ao Banrisul. Nessa época, o Banco editava uma revista interna destinada aos seus funcionários. Como forma de divulgar a importância da informática para o Banco, foi feita uma edição dessa revista sobre a empresa de informática. Como eu era o gerente administrativo, fiz todas as tratativas com o jornalista responsável. Provavelmente para ser simpático, ele colocou minha foto em uma página destacada, logo abaixo da foto do gerente geral da empresa. Em 1986, eu saí dessa empresa para ir trabalhar em outra. Foi então que o gerente geral me relatou o que tinha acontecido em 1982. Quando a revista foi publicada, o militar responsável pelo SNI (Serviço Nacional de Informações) no Rio Grande do Sul, portando um exemplar da revista, procurou o Prof. Babot Miranda, então presidente do Banrisul, exigindo que eu fosse demitido, pois dizia que eu era uma ameaça à segurança nacional, que eles sabiam que eu trabalhava na empresa, mas desconheciam que minha posição era tão importante, como demonstrado na revista. O Prof. Babot Miranda chamou a direção da empresa de informática e perguntou se eu era um profissional competente. Ante a resposta positiva, ele se virou para o representante do SNI e disse que eu não seria demitido, pois o simples fato de eu ser um comunista, como ele alegava, não justificava a demissão.

Vivenciei vários outros exemplos de solidariedade (embora também tenha experimentado momentos de sua total ausência), mas, para mim, esses foram emblemáticos. Sempre me pergunto o que teria levado esses homens a tomar aquelas atitudes, mesmo correndo o risco de sofrerem represálias em suas carreiras profissionais. Certamente não foi a comunhão de ideias, pois com eles nunca troquei qualquer palavra, a não ser eventuais cumprimentos protocolares. Quero crer que, independentemente de suas crenças políticas, remanescia neles uma esperança, um desejo, de um mundo melhor, no qual a solidariedade deva ser a premissa maior da convivência humana.

Desde que me tornei professor, essa é a lição que tento ensinar aos meus alunos.